

Love is...

A intimidade é uma merda, disse alguém. Talvez quisesse dizer que o casamento é que é uma merda, ela achava. Mas e o amor? Não se pode viver sem amor, o que, em si, já é uma merda. Isso ela sabia. A ponto de dizer do amor: grande merda. Não que o diga sempre. É mais quando acorda sem coragem de enfrentar a gravidade. A gravidade, até mais que a intimidade e o amor, é que é uma merda. Sob gravidade zero, a merda flutua. Alguns astronautas incautos já observaram:

— Merda que flutua é uma merda.

A Nóris. Instrumentadora cirúrgica num hospital do estado. Trabalha na equipe de um cirurgião-urologista que extirpa próstatas e testículos cancerosos. Outro dia foi um pênis inteiro, de aparência suspeitíssima, ela achou. Merecia. O salário é uma merda, mas é um salário. E que se danem o horário apertado e os pesadelos com testículos sanguinolentos na travessinha de alumínio e paus decepados.

A Nóris tem um filho e um ex-marido, o Anderson.

— Um merda — ela diz sempre, sem explicar por quê.

E precisa? É um merda, todo mundo vê que é um merda, e tá acabado. O que a Nóris lamenta na separação é que não

tenha acontecido antes. Muito antes. Outro dia, sussurrou a uma enfermeira que reclamava do marido:

— Minha filha, sem marido a sua buceta voa.

A enfermeira ficou sem saber se queria ver sua buceta voando por aí como um pássaro assustado.

— Pior que marido só ex-marido, minha filha. Uns merdas, todos eles — a Nóris concluiu, como se conhecesse todos os ex-maridos do mundo.

Fala sério: o Anderson faz o que pode pra justificar essa fama. Exemplos não faltam na ponta da língua da Nóris. No começo do segundo semestre ele perdeu o dia de rematricular o Júnior na escola do estado. Quase que o moleque perde a vaga. E adivinha quem ia ter que arcar com uma escola particular? Ela, é claro, que o Anderson é um merda que não sabe, nunca soube, fazer dinheiro. Resultado: a Nóris teve que enfiar os peitos num decote e ir lá implorar ao diretor que matriculasse o menino fora do prazo, que ela nunca mais deixaria a matrícula do filho nas mãos do ex-marido — aquele merda, ela quase disse ao diretor.

Mas o homem não se comoveu. Talvez não tivesse mamado no peito quando bebê. Lançou-a sem piedade num cipoal de requerimentos, atestados, assinaturas, firmas reconhecidas, taxas desconhecidas e demais emolumentos, o que lhe comeu um dia inteiro de trabalho, com direito a corte no ponto e advertência no hospital.

— É ou não é um merda, aquele Anderson? — ela perguntava a quem quisesse escutar.

Filho, pelo menos, não era uma merda. Isso reconfortava. O trabalho que filho dá pode ser uma merda. As despesas também. Enfim. Dia desses, o Eucyr, o namorado novo da Nóris,

mais velho que ela vinte anos, arranhou um apartamento no litoral, emprestado de um colega, corretor de imóveis como ele. Apê de quarto e sala na Boracéia, ia quebrar um galhão. Ela nunca saía de São Paulo. Mar, sol, camarãozinho. Dormir até mais tarde. Outros ares. Ela merecia. Arranjaram de ir no fim de semana em que o Júnior ficaria com o pai. Lua-de-mel.

O que aconteceu foi que o Júnior, bocudo que só ele, ligou pro pai e contou que a mamãe ia viajar com o namorado no fim de semana. A alma pequena do Anderson engruvinhou-se no ato. Disse pro filho:

— Pronto. Aquela vaca da sua mãe já arranhou outro corno.

Chegou o fim de semana da viagem. Na sexta, sete da noite, o Anderson não apareceu pra pegar o Júnior conforme o combinado. Nem às oito. A Nóris só esperando despachar o garoto pra viajar com o Eucyr. Não localizava o Anderson em lugar nenhum. Às nove o merda do ex-marido ligou de Campinas, a cobrar, avisando que, por estar em Campinas, na casa dos pais dele, não estava em São Paulo. E não estando em São Paulo, não podia ficar com o Júnior no fim de semana. Simples assim.

A Nóris desabou.

— Esse Anderson é um filho-da-puta. Eu fui casada com um filho-da-puta. O seu pai é um filho-da-puta — ela dizia, diante do filho.

— Você tá dizendo que a vovó Alzira é puta? Vou contar pro meu pai.

A Nóris ligou pro celular do Eucyr perguntando se o Júnior podia ir junto. Ele demorou um pouco pra dizer que tudo bem.

— Neto-da-puta — ela disse pro filho, desligando o telefone.

O Júnior virou a cara.

— Vou contar pro meu pai.

Foram. Assim que chegaram, o Júnior torrou o console do videogame de cento e dez volts na tomada de duzentos e vinte. Disse que ia se matar. O Eucyr fez cara de quem não achava má idéia, mas prometeu pagar o conserto do aparelho, em São Paulo. Arrependeu-se quando o Júnior quis porque quis dormir no quarto com a mãe. Eucyr não acreditou. A Nóris deu uma piscada pro namorado ficar na dele. Seu plano era levar o Júnior pro colchonete da sala assim que o menino adormecesse.

Mas o Júnior não dormia, reclamava: da cama de armar desconjuntada «com cheiro de mendigo azedo», da espiral que só fedia e não matava os pernilongos, do videogame pifado, da televisão minúscula que não pegava nada.

Exausta, ela capotou antes dele, ouvindo ao longe o Júnior zumbindo que estava com fome.

Sozinho na sala, de cueca e sem camisa, Eucyr abriu uma lata de cerveja morna. Na quinta cerveja, já quase gelada, pensou em enrubar o Júnior. E, talvez, cortar-lhe a garganta.

No sábado, o Júnior acordou reclamando: não tinha o que fazer, nem uma bola murcha pra se distrair. Se ainda tivesse o videogame... Não queria ir à praia de jeito nenhum. Mas foi. Julho, tempo encoberto, vento frio. Não quis entrar no mar. Eucyr não se agüentou:

— Viadinho. Macho faz é assim, ó.

Correu pro mar, mergulhou de cabeça. Saiu da água tremendo, todo roxo-arrepiado.

A Nóris propôs ao filho fazerem juntos um castelo de areia. Isso ele topou: assim a mãe ficava longe do Eucyr.

Enquanto o castelo se erguia estrumiforme da areia, sob um mormaço que, enfim, apareceu, Eucyr chacinou duas dúzias de ostras com sete caipirinhas e infinitas cervejotas num quiosque ali perto. Aderiu à batucada. Ficou secando uma popozuda de biquíni e sandália de plataforma. Um cara deu uma dura nele, falando que a mulher tinha dono e coisa e tal. A mulher disse que ela não era bicho nem coisa pra ter dono. O clima ficou ruim no quiosque. O Eucyr e o cara por pouco não partiram pra ignorância.

No fim, totalmente zozzo de ostras e álcool, ele resolveu dar as costas pro sujeito e ir embora, resmungando um «vá se foder, corno do caralho» enquanto atravessava trôpego a estrada-avenida supermovimentada.

De volta ao apê, encontrou a Nóris no banho e o Júnior de cara amarrada na sala, lendo gibi. Botou um pagode a mil no três-em-um dele, previamente ajustado pra duzentos e vinte.

— Não sou idiota, como certos guris por aqui — disse, e caiu no sofá de plástico. Dormiu, roncou, babou.

Namorado mais velho bebe, baba e ronca. A Nóris ia aprendendo isso e outras coisas, enquanto passava Caladryl nos ombros, costas e coxas, dela e do filho. Tinha esquecido que mormaço queima. O Júnior berrava quando o geladinho do líquido pingava na pele ardente.

— Fica quieto, seu! — dizia a Nóris, irritada.

Horas depois o Eucyr acordou do porre, querendo sexo e aspirina. Não tinha aspirina.

— «Vamo quebrá o barraco, nêga...» — ele começou pra cima dela, entoando o refrão de um pagode da hora.

Com o Júnior ali? Não dava. O Eucyr insistiu. A Nóris mandou o Júnior comprar Tylenol na farmácia e depois tomar um sorvete na esquina da avenida da praia. E ele:

— Nem fodendo.

Barraco nenhum foi quebrado. Eucyr começou a beber de novo, uma latinha atrás da outra, ao som de pagodes e forró pornográficos. «Eu vou comprar uma panela de pressão / só pra ver s'eu *cuzinho* mais depressa...»

O Júnior dormiu de novo com a Nóris. Mas de manhã Eucyr parecia de bom humor. Chegou no menino:

— E aí? Melhorou?

E deu-lhe um tapão nas costas. O Júnior se esgoelou de dor e ódio:

— Eu vou matar você! O meu pai vai matar vocês dois!

A Nóris fingiu que fingia que não ouvia. Tinha um domingo pela frente. Melhor desenganar.

O namorado não quis nem saber: saiu antes da Nóris e do garoto pra comer mais algumas dúzias de ostras, regadas a brejas e caipirinhas geladas. E quem sabe se aquela popozuda não voltava sem o babaca de ontem?

Quando a Nóris e o Júnior voltaram da praia (ficaram o tempo todo de camiseta), encontraram o Eucyr passando mal. Muito mal. Vômitos, merda líquida vertida a cada dez minutos em média, calafrios, febre, imprecensões. A Nóris fez um chá. Procurando algum remédio no armário embutido do banheiro, achou um saquinho de Ftalomicina com a validade vencida no século passado. Deu com o chá pro namorado. Os vômitos pelo menos cessaram. A caganeira não.

Veio a noite. Quando o Eucyr achou que estava um pouco melhor, se enfiaram todos no Uno Mille dele e pegaram

a serra de volta pra São Paulo. Ela dirigindo («Acho uma merda dirigir à noite»), o namorado se contorcendo de mau humor e cólicas.

— A pior viagem da minha vida — ele gemia.

— Pode crer — ela concordava.

O Júnior ia no banco de trás, trancado num rancor de pedra. A Nóris enfrentava o trânsito compacto e lento da volta tentando uns exercícios de «serenidade interior» que tinha lido naquela *Claudia* com a Gisele Bündchen na capa. O importante, dentro da adversidade, era estabelecer uma pequenina meta, ínfima que fosse, e se esforçar para cumpri-la.

A meta era ultrapassar o Scania detonado que ia na frente cuspidando diesel frito na cara deles. Difícil. Foi, tentou, não deu. Foi de novo, pelo acostamento, também não deu. E tome fumaça na cara, já que era impossível fechar os vidros do carro sem ar-condicionado e com aquelas emanações de ostra podre do Eucyr, uma a cada três minutos, em média.

Foi de novo, pé fundo no acelerador, aproveitando uma bobeadada do motorista do Scania numa tomada de curva. Conseguiu passar. Por pouco não bate no caminhão, que não deu moleza. Sentiu-se realizada. A tática das pequenas metas funcionava. Já estava pensando na meta seguinte quando o Eucyr lançou o brado forte:

— Pára! Preciso cagar!

A Nóris parou no acostamento. O Scania passou lentamente por eles com aceleradas triunfais de fumo negro, enquanto o Eucyr evacuava junto à porta aberta do Uno. O Júnior tirou a camiseta pra tapar o nariz. A Nóris preferiu botar a cara na janela, com fumacê e tudo. Quase vomitou.

Quando o Eucyr voltou pro carro, o Júnior desabafou:

— Velho cagão.

A Nóris pensou que o namorado — ainda era namorado? — fosse sentar uma porrada no Júnior. Ela se antecipou, virando-se para aplicar um beliscão na perna do filho antes que o caldo entornasse de vez:

— Mais respeito, Júnior! Mais respeito!

O Júnior explodiu em lágrimas de ódio e dor:

— Vou contar pro meu pai! Ele vai matar você! Ele vai matar esse cagão!

A Nóris agarrou o braço do Eucyr, implorando calma. Nem precisava. Fraco e febril, ele não tinha condições de dar porrada em ninguém. Outra meta vencida. Foram muitas as metas até entrarem na rodovia dos Trabalhadores, onde a FM do carro passou a pegar uma rádio de São José dos Campos que tocava «Love is a many splendored thing» com um cantor americano de voz engomada que ela não reconheceu.

Lembrou que a mãe adorava aquela música na voz do Nat King Cole. A letra, em inglês, a Nóris nunca chegou a entender muito bem, apesar de tê-la ouvido centenas de vezes. Pelo título, que era também o verso inicial, parecia a celebração dos esplendores da vida. Mas a melodia, em tom menor e bordada com violinos, sempre lhe dava vontade de chorar. Que esplendor era esse da vida que a tornava assim tão triste? Em todo caso, lembranças como essa também ajudavam o tempo e o asfalto a passar por baixo das rodas.

A Nóris e o Júnior ficaram em casa. O Eucyr arranjou forças pra tomar a direção e tocar pra casa dele. Os dois mal se despediram na atmosfera sulfurosa do Uno.

Logo ao entrar, a Nóris viu que várias coisas tinham desaparecido. O Anderson. Passou de novo por aqui, concluiu.

O filho-da-puta. Tinha a chave e dizia que o apartamento e as coisas também eram dele. E que, se ela mudasse a fechadura, botava a porta abaixo.

Tinham sumido o ventilador chinês de pé, o aparelho de som, uma pilha de cedês. E a bicama do quarto do Júnior.

— Até a sua cama!... — ela disse pro filho, mãos na cabeça.

— Quero morar com o meu pai — o Júnior replicou.

— Merda — exalou a Nóris.

O Júnior foi dormir na cama dela, que preferiu o sofá da sala. Eram três e meia da manhã, ela pegava às sete e meia. Fechou os olhos. O sono a pôs logo a nocaute.

Até que o telefone disparou a tocar, implacável. Não parava. Antes que o Júnior acordasse e fizesse um escândalo, ela se arrancou a fórceps do sono e foi atender.

Era o Eucyr, anunciando que não conseguia dormir, só pensando nela, que se arrependera de «perder a psicologia» com o Júnior, que da próxima vez ia ser diferente, que já tinha parado de cagar e vomitar a ostra assassina e que tinha uma proposta a fazer.

— Proposta... — a Nóris repetiu, zozna.

— Vamos casar, amor! De papel passado!... Nóris?...

— Vai dormir, Eucyr.

Bateu o fone na base e puxou o fio da parede. Tentou se ajeitar de novo no sofá curto e duro, de assento descambando ligeiramente pro chão. O sono não vinha. Deixara no lugar um torpor irritado que durou até a primeira luz da manhã. Aí o sono voltou, sólido e profundo como uma âncora, cerca de meia hora antes do toque eletrônico do despertador.

Nem tomou banho. Na cozinha, sorvendo um Nescafé, pegou a Bic e o caderninho de anotações pra escrever as ordens

do dia pro filho. Olhou demoradamente o branco do papel, quase adormeceu de novo.

Depois animou-se a escrever algo. Releu. Arrancou a folha e escreveu de novo, no verso, uma frase mais curta. E se abalou correndo pro hospital. Vários testículos e próstatas a esperavam para ser extirpados naquela manhã.

O Júnior encontrou o bilhete preso debaixo da lata de Nescau.

— «A vida é uma coisa muito esplendorosa mas não vale uma ostra podre» — leu em voz alta.

Do outro lado do papel estava escrito:

«A vida é uma ostra podre.»

Aparentemente, a mãe não se decidira por nenhuma das versões e resolvera registrar as duas.

O Júnior dobrou e guardou o papel no compartimento externo da mochila. Fechou o zíper, e pensou em voz alta:

— Vou mostrar pro meu pai.